

# ESPAÇO E IDENTIDADE DAS TRAVESTIS EM TEMPOS DE AIDS EM O TRAVESTI (1987), DE ADELAIDE CARRARO

## SPACE AND IDENTITY OF TRANSVESTIS IN TIMES OF AIDS IN O TRAVESTI (1987), BY ADELAIDE CARRARO

Jorge da Silva Moreira 1  
Mikael Gomes Dantas 2  
Rubenil da Silva Oliveira 3  
Saulo da Silva Lucena 4

**Resumo:** O artigo pretendeu analisar as categorias espaço e identidade das travestis no romance *O Travesti* (1987), de Adelaide Carraro. A obra traz as mazelas que a comunidade LGBTQIAP+ enfrentou durante os anos 1980 ao terem contato com a AIDS no Brasil. A partir da protagonista Jaqueline e suas colegas de trabalho, é possível verificar a amplitude e o peso que as travestis carregavam por estarem ou não com a síndrome, visto que os espaços frequentados por uma travesti se tornavam amaldiçoados e inabitáveis. Na metodologia, optou-se por uma pesquisa qualitativa e, quanto ao instrumento, do tipo bibliográfica, que agrupou Louro (2004), Veras e Pedro (2004), Santos (2002), Candido (2006), Trevisan (2011), Kulick (2008), Barberena e Ferrão (2021), Butler (2016), entre outros. Como resultado, ficou entendido que os lugares por onde circulavam as travestis eram considerados insalubres e que, numa concepção higienista, precisavam ser expurgadas da sociedade.

**Palavras-chave:** AIDS. Espaço. Identidade. Travestilidades. Adelaide Carraro.

**Abstract:** The article intended to analyze the space and identity categories of transvestites in the novel *O Travesti* (1987), by Adelaide Carraro. The work exposes the problems that the LGBTQIAP+ community faced during the 1980s when they came into contact with AIDS in Brazil. Based on the protagonist character, Jaqueline, and her co-workers, it is possible to verify the scope and weight that transvestites carried for whether or not they had the syndrome, as the spaces frequented by a transvestite became cursed and uninhabitable. In the methodology, we chose for qualitative research and the bibliographic type instrument, which grouped Louro (2004), Veras and Pedro (2004), Santos (2002), Candido (2006), Trevisan (2011), Kulick (2008), Barberena and Ferrão (2021), Butler (2016) and among others. As a result, it was understood that the places where transvestites circulated were considered unhealthy places and that, in a hygienist conception, they needed to be purged from society.

**Keywords:** AIDS. Space. Identity. Transvestites. Adelaide Carraro.

- 1 Mestrando em Letras, área de concentração: Literatura, cultura e fronteiras do saber, no Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão (PPGLB/UFMA); graduado em Letras - Português (UFMA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Bolsista CAPES. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3499104004393241>. ORCID: 0009-0005-8608-8502. E-mail: [jorge.sm@discente.ufma.br](mailto:jorge.sm@discente.ufma.br). Cidade: Bacabal, Maranhão, Brasil
- 2 Mestrando em Letras (PPGLB-UFMA); graduado em Letras - Português e Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Faculdade Waldir Filho (FWF). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Desenvolve pesquisas na área de Literatura Comparada e Teoria Queer. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3428925498243841>. ORCID: 0009-0003-7362-1449. E-mail: [mikaeldantas2017yeshua@gmail.com](mailto:mikaeldantas2017yeshua@gmail.com). Cidade: Lago da Pedra, Maranhão, Brasil
- 3 Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), Coordenação de Letras de Bacabal (CCLB); professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB-UFMA); doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA); mestre em Letras – área de concentração Literatura, memória e cultura (UESPI); graduado em Letras – Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (UEMA). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8814177911312131>. ORCID: 0000-0001-9846-4695. E-mail: [rubenil.oliveira@ufma.br](mailto:rubenil.oliveira@ufma.br). Cidade: Bacabal, Maranhão, Brasil
- 4 Doutorando em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLETRAS) da Universidade Federal do Pará (UFPA); mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão (PPGLB/UFMA). Atualmente é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Grupo de Estudos sobre Narrativa de Resistência (NARRARES) na Universidade Federal do Pará (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7260218504801866>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4854-5515>. E-mail: [saulolucena2013@gmail.com](mailto:saulolucena2013@gmail.com). Cidade: Rosário, Maranhão, Brasil

## Introdução

Adelaide Carraro, assim como Cassandra Rios, foi denominada como escritora maldita. Elas venderam muitos livros durante o período civil-militar; não obstante, tiveram mais de 70% das suas obras retiradas de circulação pela censura. Por sua vez, Carraro teve uma vida imersa em conflitos contra o sistema, visto que abordava temas tabus, entre os quais prostituição, liberdade do corpo feminino, aborto, virgindade, transexualidade e outros. Isso lhe rendeu os títulos de escritora pornográfica e erótica. Por outro lado, a sensibilidade literária de Adelaide Carraro trouxe às estantes e à sociedade as sexualidades dissidentes, as quais permaneciam no lado invisível, como o não exposto e o não colocado como representatividade.

Carraro nasceu em 30 de julho de 1936, em São Paulo, e faleceu aos 55 anos, em 1992, acometida por uma insuficiência renal, deixando mais de 45 obras publicadas, entre as quais o objeto desse artigo — **O Travesti**. A obra **O Travesti** (1987), de Adelaide Carraro, narrada em primeira pessoa pela personagem protagonista Jaqueline, conta as aventuras e histórias vividas pela protagonista e suas colegas de trabalho na cidade de São Paulo. Todas as meninas se declaravam e se reafirmavam como travestis e tinham a prostituição como meio de sobrevivência. Assim, as personagens evidenciam a realidade das travestis que exerciam a prática nos anos 1980. A AIDS entra no enredo quando, estando nas ruas e sendo parte de uma comunidade à margem, sujeita a violências e preconceitos, as travestis tornaram-se um grupo com maior probabilidade de adquirir a enfermidade. Consequentemente, a doença atrelou-se não somente aos seus corpos como prostitutas, mas também às suas identidades, aos seus relacionamentos e aos espaços que podiam ou não frequentar.

Na obra em análise, Jaqueline e suas colegas frequentam alguns pontos de trabalho, como elas mesmas chamam, sendo estas praças, viadutos, lugares aleatórios onde o fluxo de carros é grande e muitos podiam se camuflar ou se encontrar na penumbra da noite. Os ambientes eram escolhidos pelas donas das casas em que as meninas moravam e para quem prestavam serviços, isto é, os cafetões e cafetinas que viviam da exploração do corpo das travestis, ficando com maior parte da renda obtida por elas. Após serem escaladas, cada uma se montava e ia para a noite. Para as garotas, eram recintos onde ganhavam dinheiro; para os homens, em sua maioria casados e pais de família, locais onde encontrariam uma forma de obter prazer.

As travestis, por vezes, também eram presas por vadiagem, o que lhes permitia o contato com a delegacia, espaço onde eram violentadas, estupradas e humilhadas. Tanto nos pontos quanto na delegacia, as travestis eram vistas como as “agentes transmissoras” da AIDS. Seus corpos e identidades eram rotulados como impuros e imundos, servindo somente para o alívio do desejo masculino, dado o estigma social de que onde havia travesti, havia AIDS.

Com isso, o presente artigo traz como justificativa social a reflexão acerca de como a AIDS influenciou a resignificação de alguns espaços, marcando-os como pontos impuros e infectados, além de discutir a desumanização das travestis no período em a narrativa se passa — a década de 1980 — e como a doença interferiu na construção de suas identidades. Uma síndrome que aterrorizava toda a humanidade sendo resumida e atrelada somente aos sujeitos homoafetivos, cujos corpos sequer tinham liberdade para demonstrar suas características e vivências livremente. No meio acadêmico, sabe-se que ainda há uma quantidade insuficiente de trabalhos que abordam a questão da transexualidade. A homofobia ainda impede que obras como **Se eu fosse Pur(t) a**, **O Travesti** e outras estampem as vitrines editoriais, ou seja, a universidade, como espaço de discussão e propagação intelectual que se beneficiaria ao mencionar e auxiliar nas questões sobre as identidades dissidentes e seus processos formativos, ainda é um ambiente de reprodução de preconceitos.

## Metodologia

Quanto à metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica. Neste sentido, cabe ressaltar que o presente estudo é classificado como qualitativo, seguindo o exposto por Prodanov e Freitas (2013), que entendem essa abordagem como aquela em que

[...] a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Nessa perspectiva, deu-se um olhar atento tanto para a obra literária em análise, **O Travesti** (1987), de Adelaide Carraro, quando para os pressupostos teóricos utilizados para averiguar como os espaços presentes na narrativa mobilizam significados específicos, levando em consideração o uso feito pelas travestis. Esta pesquisa também se classifica como bibliográfica, visto que foi

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Para isso, foi necessário realizar um levantamento de textos que abordassem as questões de identidade de gênero, tendo como suporte os Estudos Queer e os Estudos Culturais, com o intuito de verificar como as questões dos sujeitos homoafetivos se relacionam com a organização cultural e social, considerando as influências recebidas ou impostas por uma sociedade cujo seio ainda nasce de um viés transfóbico e heterocisnormativo. Além disso, nossa abordagem também utiliza a antropologia e a sociologia da literatura como base.

Por fim, essa pesquisa foi dividida em dois capítulos. O capítulo intitulado “**Amálgama conceitual: notas sobre espaço, identidade e humanidade na literatura das travestis**”, apresenta uma leitura acerca da concepção de espaço, identidade das travestis e humanização desses corpos, tendo como referências Tuan (1983), Amaral (2014) *apud* Oliveira (2018), Meneses e Jayo (2018), Oliveira e Nascimento (2015), entre outros. Dividido em duas subseções, a primeira — “Identidade e corpo travesti” — traz uma leitura antropológica e cultural a respeito da construção da identidade das travestis, com base em Bauman (2005), Hall (2006), Nantes (2021), entre outros. Na segunda subseção, nomeada “AIDS e prostituição”, discute-se a AIDS e sua ligação estereotipada com a comunidade LGBTQIAP+, tendo como contexto a vida das travestis na prostituição a partir das visões de Sontag (1989) *apud* Bessa (1997), Trevisan (2002), Kulick (2008), entre outros. No capítulo “**Espaço e identidade em O travesti (1987), de Adelaide Carraro**: das ruas às delegacias, praças e casas de apoio”, foi realizada a análise da obra, tendo como suporte Butler (2016) e Kulick (2008), verificando os discursos e significados que permeiam os espaços ocupados pelas travestis no contexto da AIDS, em **O Travesti** (1987), de Adelaide Carraro. O trabalho também inclui esta Introdução, na qual se revela o percurso da pesquisa, sua divisão, organização, justificativa e metodologia.

## **Amálgama conceitual: notas sobre espaço, identidade e humanidade na literatura das travestis**

Quando são colocados em pauta os lugares, espaços e identidades das travestis, geralmente é possível verificar as discriminações e injustiças sofridas por esses corpos, esses sujeitos dentro da sociedade. Começamos pelos conceitos de espaço e lugar, utilizando como suporte inicial o debate proposto por Tuan (1983). O filósofo conceitua esses dois termos com base no desenvolvimento da percepção da criança sobre o mundo ao seu redor, como percebe o espaço e lida com ele de forma diferente à medida que cresce. Segundo Tuan,

[o] primeiro ambiente que a criança descobre e seus pais é dentro de casa. O primeiro objeto permanente e independente que ela reconhece é talvez outra pessoa. As coisas aparecem e continuam a existir somente quando a criança lhes dá atenção; mas logo se introduz em sua consciência nascente a realidade independente do adulto, que existe com ou sem a atenção (Tuan, 1983, p. 26).

A partir disso, pode-se afirmar que, desde a infância, esse contato com o exterior é demarcado pela nossa capacidade ou necessidade de percepção do mundo, seja de forma mais particular com os nossos pais, primeiros elos de contato, seja pela nossa percepção das distâncias entre os objetos e os nossos corpos.

Tuan (1983) ainda explica que, ao ser questionada sobre onde quer ir ou brincar, a criança utiliza os termos “aqui” e “ali”. Depois, com o passar do tempo, já na fase adulta, esses lugares são experienciados, pois o lado sentimental do indivíduo é mais amplamente ativado. O autor menciona que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (Tuan, 1983, p. 37). Neste sentido, nota-se que o autor compreende o espaço como um conceito mais amplo e abstrato em relação ao lugar, estando este último vinculado à noção de parada, um ponto mais fixo e definido se comparado ao espaço.

Além dessas noções a respeito de como estamos atentos aos espaços e lugares que nos cercam, o autor pontua como os aspectos ligados aos espaços e lugares estão direcionados pelas culturas, sejam elas semelhantes ou não. Ele explica, por exemplo, que o significado das partes “frente” e “atrás” norteia nossas ações e atividades no meio social, como pode ser visto em alguns edifícios.

As pessoas podem trabalhar no mesmo prédio e experienciar mundos diversos, porque as diferenças de status as colocam em rotas de circulação e áreas de trabalho diferentes. Homens da manutenção e zeladores entram pela porta de serviço na parte dos fundos, transitam pelos “corredores escuros” do prédio, enquanto os executivos e suas secretárias entram pela porta da frente, cruzam o amplo saguão e os corredores bem iluminados até seus escritórios elegantemente mobiliados (Tuan, 1983, p. 47).

Isso mostra que os lugares e espaços sempre carregam traços culturais que determinam onde os sujeitos circulam, dependendo de suas condições ou *status* social. Não é diferente com as travestis. No entanto, ao estudarmos ou relatarmos sobre os lugares que esses sujeitos ocupam, é preciso levar em conta que a sociedade vivente, heterocisnormativa e patriarcal não vê com bons olhos a circulação de sujeitos homoafetivos, mais especificamente as travestis, no meio social.

Consoante Amaral (2014) *apud* Oliveira (2018), os lugares mais ocupados por mulheres transexuais e travestis são “bairros de periferia, boates, praças, pensões e territórios de prostituição de diferentes capitais” (Amaral *et al.*, 2014, p. 302). Esse último ponto reflete a questão laboral em que muitas travestis se encontram ou que, por vezes, possuem como única opção. Em geral, elas não eram nascidas em São Paulo, mas migrantes de outros estados, onde não podiam viver livremente a sua sexualidade, encontrando na megalópole o lugar ideal para viver e, conseqüentemente, trabalhar.

As boates eram geralmente os lugares onde as travestis conseguiam emprego, já que não tinham tantas possibilidades de trabalhar em outras áreas. No entanto, o acesso ao palco, tanto nas boates quanto nos teatros, não foi tão fácil e espontâneo assim. Meneses e Jayo (2018) explicam que a figura da travesti, ou melhor, das pessoas travestilizadas, aparece nos palcos desde 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nesse período, os teatros eram ocupados exclusivamente por homens, sendo necessário que eles se travestissem para interpretar personagens femininas. Porém, esse travestimento muitas vezes era utilizado para fins cômicos.

Meneses e Jayo (2018) acrescentam que, após esse período, já no século XX, travestis, transformistas, *crossdressers* e *drag queens* passaram a ter parte nos palcos. Apesar das dificuldades em encontrar outras formas de subsistência, essas artistas usavam seus *closes* e glamour para

encantar os espectadores. Isso fica evidente no excerto abaixo sobre Rogéria e outras travestis, que tiveram suas histórias contadas no documentário **Divinas Divas** (2017), dirigido por Leandra Leal, disponível na Netflix e em outras plataformas digitais.

Rogéria e as demais travestis artistas de sua geração alimentaram uma imagem carregada de glamour e sensualidade, ajustando-se às normas tradicionais de feminilidade e reproduzindo o ideal estético feminino. A imagem que construíram para si em cena, e também para suas figuras públicas na vida real, era a de mulher sedutora, sex symbol, femme fatale (Jayo; Meneses, 2018, p. 2).

Com base nisso, pode-se perceber como as travestis utilizaram esse espaço, o qual foi mudando culturalmente com o passar do tempo, para expressar seus talentos e também como meio de fuga, especialmente do espaço familiar, que muitas vezes não as aceitava devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero diferente daquela imposta pela família patriarcal heterocisnormativa.

Não obstante, nem sempre houve glamour na vida das travestis. Na própria obra analisada nesta pesquisa, **O Travesti** (1987), de Adelaide Carraro, duas realidades são postas em evidência: as ruas como pontos de prostituição e os pontos de pegação. Esses pontos de pegação, considerados espaços utilizados para encontros amorosos entre pessoas do mesmo sexo, variam desde salas de cinema — realidade retratada em **Cinema Orly** (1999), de Luís Capucho — até casas ou espaços abandonados, como observado no conto “Ela Desatinou” (2019), de Vagner Amaro, no qual a personagem travesti, Denise, ao limpar um banheiro público, se depara com homens se pegando ou passando a mão uns nos outros.

Oliveira e Nascimento (2015), ao realizarem uma pesquisa de campo na cidade de João Pessoa, entre os anos de 2012 e 2014, mapearam alguns pontos de pegação, seus espaços e localização. Segundos os pesquisadores, convém destacar que

[o]s pontos de pegação conformam um circuito que de forma nevrálgica espalha-se por toda a cidade. Constituem-se como espaços diversos, abertos ao público ou de livre acesso, sejam pertencentes a instituições públicas ou privadas. São pontos naquilo que lhes é indispensável: movediços, dinâmicos, precisos. Reinventam, desmontam e remontam as lógicas de lugares de família, de trabalho e de estudo (Oliveira; Nascimento, 2015, p. 50).

A partir disso, percebe-se que o principal intuito é romper com os muros e os limites impostos por algumas relações banhadas pela lógica da família tradicional, proporcionando mais liberdade e espontaneidade às interações que ali ocorrem. Por sua vez, os autores destacam que esses pontos de pegação são espaços reinventados de acordo com as necessidades presentes em cada momento, podendo ter uma utilidade durante o dia e outra durante a noite.

Nos mictórios do banheiro do terminal, homens trocam fluidos, olhares, apertões e movimentos de corpos. Estabelece-se aí um jogo de silêncios e não ditos, um desvio de linguagem comum para um novo conjunto de códigos, uma forma variante de expressar-se. Pernas arqueadas, olhos atentos aos lados e à pia e seu espelho, localizados mais à frente. Movimentos do cotidiano ressemantizados através de outras intencionalidades, da reinvenção do uso (Oliveira; Nascimento, 2015, p. 50).

Banheiros e mictórios também são incluídos nessa classificação. Apesar de serem locais frequentemente usados para práticas ilegais, esses espaços têm seus usos reinventados, tanto em sua utilidade quanto nos discursos que ali permeiam, pois os rapazes ou frequentadores utilizam uma linguagem específica para expressar o que desejam no momento. Além disso, as praças públicas

também foram alvo dos pesquisadores. Eles explicam a mudança utilitária desses ambientes e suas novas roupagens. Segundo Oliveira e Nascimento,

[u]ma praça que durante o dia é usada como espaço de passagem por transeuntes e de descanso por trabalhadores, ou de lazer para famílias próximas, durante a noite pode converter-se em uma vitrine de prostituição, ou num ponto de pegação. Há mil possibilidades do espaço (Oliveira; Nascimento, 2015, p. 51).

Com isso, surge outra utilidade para esses espaços: a prostituição. Embora a prática ainda não seja legalizada no Brasil, ela é utilizada por várias pessoas com identidades diversas, sendo que, em muitos casos, a comunidade LGBTQIAP+ constitui uma parcela significativa dos envolvidos. Além disso, com o crescimento das cidades e o aumento do controle capitalista sobre as formas de trabalho e subsistência, acentuou-se a divisão nas grandes cidades entre áreas mais elitizadas; a parte urbana do centro, e as periferias, onde geralmente os trabalhos costumam ser autônomos ou informais.

A prostituição emergiu como forma de trabalho informal em resposta à necessidade das pessoas de buscar prazer, muitas vezes por não estarem satisfeitas com o que recebiam em casa. Apesar de todo o preconceito e dos estereótipos postos sobre os sujeitos homoafetivos, seus corpos ainda são fetiche para a maioria. Nesta perspectiva, Kulick (2008) aborda a realidade das travestis e da prostituição, seja em espaços urbanos ou periféricos, ou, ainda, no espaço rural. Conforme o antropólogo, sustenta-se que

[a]s travestis geralmente se referem ao momento de entrada na atividade de prostituição com a expressão “cair na vida”. A expressão traduz com ironia o reconhecimento de que a prostituição de rua é considerada uma das ocupações menos valorizadas que um indivíduo pode exercer e, além disso, reflete o fato de a prostituição ao ser designada em todo o Brasil como “a vida” ou a “vida fácil”. A maioria das travestis de Salvador “cai na vida” com a ajuda de outras travestis mais velhas e experientes (Kulick, 2008, p. 151).

Em alguns lugares, a prostituição já é legalizada, como na Alemanha, Suíça, Áustria, entre outros. No entanto, no Brasil, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, essa prática tinha como grande obstáculo a epidemia da AIDS, que era frequentemente vinculada à comunidade homoafetiva. Nesse contexto, a expressão “cair na vida” fazia todo o sentido. Além disso, cabe considerar que, em um país que ainda demonstra preconceito em relação a essa ocupação, mas que a utiliza como meio de aliviar o estresse da vida cotidiana, se prostituir e ser travesti eram como receber uma pena de morte ou atentar contra os pudores e os costumes tradicionais da família brasileira.

## **Identidade e corpo travesti**

Bauman (2005), em entrevista a Benedetto Vecchi, debate algumas concepções a respeito de como a identidade se constituiu por muito tempo. Mais especificamente, quando a identidade se tornou um problema, isto é, quando ela se tornou uma obrigação ou até uma condição imposta pela “modernidade líquida”, como o autor a denominou. Ao relatar acerca de sua mudança de nacionalidade, sendo obrigado a se afastar de sua origem polonesa e se estabelecer em outro país para poder exercer sua profissão, o sociólogo começa a ser questionado sobre o seu “pertencimento”, a respeito da fixação em um lugar, de ter uma identidade estagnada. A partir disso, ele explica que

[t]ornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo

toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2014, p. 15).

Bauman (2014) nos permite compreender a identidade fora dessa definição exata de paradigmas e modelos presos a um único padrão. De que o sujeito, por estar imerso e em contato com várias culturas, dificilmente conseguirá se tornar singular. Essa ideia de Bauman (2014) pode ser entrelaçada à noção de identidade defendida por Hall (2006), na qual, ao entender como se deu a construção do sujeito pós-moderno, propõe três concepções de sujeito: o Sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e, o que interessa a esta pesquisa, o Pós-moderno:

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados (Hall, 2006, p. 17).

Hall (2006) entende que as identidades estão diretamente ligadas à constituição das sociedades e às suas mudanças culturais. Com base na compreensão acerca do sujeito pós-moderno, que é um produto da modernidade, o autor argumenta que o núcleo desse sujeito não é totalmente definido, o que impossibilita a solidificação das identidades. Assim, tanto Bauman (2014) quanto Hall (2006) contribuem para a reflexão sobre como se formam as identidades dos sujeitos homoafetivos e dos sujeitos travestis.

As identidades homoafetivas refletem essa concepção de um núcleo que nasce do teor cultural, em que o gênero passa a ser visto além das estruturas biológicas e binárias, abrindo-se para um universo de possibilidades. Conforme Letícia Carolina discute no podcast “Trans feminismo, com Letícia Carolina”, o sujeito homoafetivo/travesti transgride as identidades até então impostas pela cis heterossexualidade e constrói a sua própria identidade. Além disso, a doutora em Educação, travesti e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) declara em uma entrevista a Nantes (2021) que

[a]s pessoas transvestigêneres produzem suas identidades dentro do sistema e não fora dele, se olhamos para essas pessoas e percebemos posturas que poderiam ser reconhecidas como “cisgêneros”, reforça-se aqui a importância desta categoria de análise. Já ouvi várias histórias de crianças que desejam pintar a pele de branco para serem aceitas, assim como eu desejei por muito tempo ser uma mulher cisgênero, ou pensei ainda que só seria aceita, se mesmo sendo uma travesti, me assemelha-se às ditas práticas cis gênero (Nantes, 2021, p. 18).

Por meio dessa fala, é explicitado um dos processos pelos quais passam as travestis ao definir suas identidades. A tentativa de se aproximarem do que era prescrito pela norma fez com que as travestis desenvolvessem características próprias, assim como as crianças negras tentaram — e ainda tentam — assemelhar-se às de pele branca, conforme pontuou a Letícia Carolina. Nessa direção, Louro (2004) analisa uma concepção mais ampla do corpo, investigando de onde ele vem, quais significados incorpora e se, de fato, carrega literalmente esses significados. Segundo a autora,

[h]oje, como antes, a determinação dos lugares sociais das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida aos seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indicados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e das

normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura (Louro, 2004, p. 75).

Dessa forma, justificam-se as violências contra os corpos fora do padrão, como os corpos travestis, porque foram criadas culturalmente normas a serem seguidas. Isso exhibe o privilégio da categoria cis heterossexual em relação aos outros corpos, pois, enquanto esses podem ser modulados e desejados, aqueles considerados diferentes são rejeitados.

Na obra **O Travesti** (1987), algumas partes do enredo revelam como as personagens realizavam a “montagem” de seus corpos. Da mesma forma, Kulick (2008), ao escrever o livro **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil** — obra que nasce da dissertação de mestrado do autor —, descreve como as travestis viviam e se prostituíam na cidade de Salvador, expondo as configurações desses corpos, como lido no trecho transcrito a seguir:

No momento, Tina tem quatro agulhas cravadas na nádega esquerda. Há duas horas e meia ela está sendo “bombada”, isto é, recebendo injeções de silicone aplicadas por uma outra travesti vinda de Recife. Agora, quase 2h30 da madrugada, as partes internas e externa das coxas de Tina, o quadril e a nádega direita estão prontos. Os furos deixados pelas agulhas rombudas vão sendo preenchidos com gotas de cola Super Bonde e cobertos com pequenas bolas de algodão (Kulick, 2008, p. 63).

Essa passagem demonstra os desafios enfrentados pelas travestis enquanto profissionais do sexo. No entanto, também serve para pensar os aspectos culturais que esses corpos carregam. Prostitutas ou não, as travestis passavam — e ainda passam — por processos de transformações físicas. Porém, dependendo do contexto em que vivem e das condições financeiras disponíveis, esses processos podem representar a realização de um sonho ou, por outro lado, uma tortura física e psicológica.

## **AIDS e prostituição**

Sontag (1989) *apud* Bessa (1997) salienta que as doenças coletivas sempre foram, desde os egípcios, concebidas metaforicamente como pestes, embora nem sempre associadas como castigos à condição humana. Ele explica que

[v]er as doenças como castigo é uma das mais antigas explicações para as suas causas. A doença coletiva, assim, quando adquire esse significado, era tida como uma calamidade do grupo, um castigo imposto a toda uma comunidade, tal a peste que aparece em Édipo. Ao contrário das deformações e da deficiência física, a doença como castigo não era considerada vergonhosa. Segundo a autora, somente através da sífilis, no final do século XV, é que a metáfora da peste se transforma. Além de ser um castigo, passa também a ser uma punição repulsiva, representando, principalmente, uma invasão — que parte de um indivíduo — a toda a coletividade (Sontag, 1989, *apud* Bessa, 1997, p. 16).

Em vista disso, é notável a mudança ideológica que se construiu discursivamente, promovendo uma nova conotação para essas doenças coletivas. Bessa (1997) afirma que essa nova conotação foi ligada às minorias, associando a AIDS às classes mais vulneráveis, que viviam à margem da sociedade. A partir disso, fica fácil compreender, após a fala de Trevisan (2002), por que quem recebe essa estigmatização, dos anos 1980 aos dias atuais, são os sujeitos homoafetivos, especialmente as travestis e as prostitutas.

Trevisan (2002) aponta que, por muito tempo, e até os dias atuais, a AIDS foi rotulada como “doença de bicha”, vinculando a maior parte dos contaminados à comunidade LGBTQIAP+.



Exemplos dessa associação podem ser observados no cenário musical, com artistas gays que enfrentaram essa enfermidade, como Renato Russo, Cazuza e Edson Cordeiro, nos anos 1980 e 1990. O autor revela como isso era evidenciado nas letras dos músicos analisando alguns trechos de suas composições:

Cazuza se referia constantemente às suas dores físicas, no final da vida, e Renato Russo compôs um dos mais tocantes testemunhos sobre a doença, nos versos da sua canção “A via láctea”, em que dizia: “Hoje a tristeza não é passageira/ Hoje fiquei com febre a tarde inteira/ E quando chegar a noite/ Cada estrela parecerá uma lágrima” (Trevisan, 2002, p. 318).

Dessa maneira, percebe-se que, mesmo os artistas não estando tão sujeitos a violências e preconceitos quanto as travestis, ainda assim tiveram o contato doloroso com as consequências físicas e psicológicas da doença.

Na série “Pose”, cuja primeira temporada foi lançada em 2018 e está disponível na Netflix, é contada a história de Blanca Rodrigues, uma transexual e travesti, que abrigou vários adolescentes gays e travestis em sua casa, nos meados dos anos de 1980. As casas, na época, eram organizações de dançarinos e dançarinas de *Vogue*, que se reuniam para competir nos famosos bailes que aconteciam nas noites de Nova York. Nesses bailes, a comunidade LGBTQIAP+ tinha liberdade para ser e estar, sentindo-se empoderada e dona de si.

No entanto, não só de bailes viviam os integrantes. Alguns, como Pray Tell, Angel, Candy e a própria Blanca, contraíram o vírus HIV, pois tinham que recorrer à prostituição como meio de sobrevivência. Na série, é possível ver que já existia o medicamento AZT, ou Zidovudina, que ajudava a prolongar a vida dos pacientes por um período.

No entanto, alguns pacientes infectados, como Pray Tell, se recusaram a usar a medicação. O personagem acreditava, já cansado de tantas injustiças e violências, que talvez a doença estivesse literalmente destinada a eles. Essa não era a única realidade da comunidade ao lidar com a doença, ainda assim reflete o que muitos acreditavam naquele período.

Acerca da prostituição, Rodrigues (2009) destaca que essa prática passou por várias mudanças sociais e culturais. Segundo a autora, somente a partir dos anos 1970 é que a prostituição começou a ser denominada como “profissão sexual”, e as pessoas que a praticam passaram a ser chamadas de “profissionais do sexo”. Ela ainda ressalta que

[a] emergência do movimento feminista e a agenda construída em torno da opressão feminina e do questionamento da naturalização da desigualdade entre mulheres e homens ensejaram a formulação de toda uma nova perspectiva epistemológica – os estudos de gênero – e foram elementos importantes no processo desencadeado no âmbito da prostituição (Roberts, 1998; Marshall; Marshall; 1993; Edwards, 1997, *apud* Rodrigues, 2009, p. 69).

Desse modo, conforme os movimentos feministas chegaram e influenciaram à ampliação da liberdade dos corpos com traços femininos, profissões que até então eram banalizadas e tidas como indignas foram sendo reconfiguradas. Em relação aos travestis, algumas denominações devem ser postas em discussão. Por exemplo, Kulick (2008) descreve os programas que as garotas realizavam com seus clientes. Consoante o autor,

[u]m programa começa no momento em que os lábios de uma travesti tocam o pênis de um homem no Cine Pax, por exemplo. Ou, no caso do trabalho na rua, no momento em que ela entra no carro de um homem, ou entra em seu próprio quarto com um homem, ou quando ela dá instruções para que o cliente a siga até uma viela ou um motel. A partir desse momento, as travestis consideram que é seu direito receber o dinheiro, e se por qualquer motivo o cliente muda de ideia e resolve desistir de fazer sexo, elas ainda assim exigirão o pagamento integral (Kulick, 2008, p. 162).

Essa designação é útil para pensar como a prostituição é vivenciada no contexto das travestis, especialmente se considerarmos que esse mundo possui uma linguagem e práticas próprias. A segunda definição de “programa” apresentada pelo autor, o programa realizado nas ruas, encaixa-se melhor na realidade da obra analisada.

## **Espaço e identidade em *O travesti* (1987), de Adelaide Carraro: das ruas às delegacias, praças e casas de apoio**

O enredo de *O Travesti* (1987) expõe as vidas de Jaqueline, personagem protagonista e narradora, e de suas amigas, com as quais dividia uma casa de apoio e compartilhava os pontos de trabalho. Todas as garotas eram travestis/transsexuais e também se identificavam como prostitutas. A história se passa na cidade de São Paulo, nos anos 1980, mais especificamente.

Jaqueline se autodeclarava como uma travesti branca, alta, com cabelos castanhos e olhos claros. A primeira casa onde a protagonista habitou era conhecida como a casa de Dona Brenda. Nesse espaço, viviam junto a Jaqueline outras trinta travestis que prestavam serviços sexuais em troca de moradia e alimentação. Com o sol ainda exposto, as travestis tinham que começar seus cuidados pessoais e de beleza, além de se alimentar para iniciar o trabalho.

Todo mundo fora da cama! Já são seis horas da tarde e se dona Brenda (nome da dona da casa, travesti rica com casa totalmente paga, joias caras, etc), encontrar alguém em casa lá pelas sete horas da noite, vai dar a maior bronca. [...] Levantei e de encontro com as travestis, que abafados corriam de lá para cá, procurando pegar o prato feito de comida que a cozinheira (um travesti preto simpático) fazia (Carraro, 1987, p. 09).

A rotina das garotas era a mesma todos os dias. Após se produzirem e se alimentarem, elas iam verificar a escala da noite, que determinava para onde seriam enviadas em busca do *acué* noturno. Ao se deslocar para conferir a escala, Jaqueline encontra Simone, que percebe algo estranho no semblante da travesti e a indaga sobre o motivo:

O que há Jaqueline? Parece doente. Não vai me dizer que está com Aids?  
Aids, só se for aí no seu pintão.  
Ai credo Jajá, nem posso brincar. Só estou achando você meio triste. Vai ver que já viu sua escala.  
Tremi (Carraro, 1987, p. 09).

Apesar de ser uma brincadeira entre amigas, é possível perceber como a AIDS aterrorizava as travestis e, ao mesmo tempo, fazia parte de seu cotidiano. Contrair a doença poderia mudar completamente a vida de uma travesti, possivelmente impedindo-a de continuar se prostituindo. Kulick (2008) debate como o contato das travestis com a AIDS ocorre e quais são algumas de suas causas e explicações. Conforme o antropólogo, assume-se que

[t]rabalhando como prostitutas e normalmente assumindo o papel passivo nas relações sexuais com os clientes, as travestis foram particularmente atingidas pela epidemia. É, todavia, impossível avaliar, ou mesmo imaginar, quantas morreram em razão da doença. As estatísticas sobre Aids no Brasil não trazem números sobre travestis, pois elas são incluídas genericamente nas categorias “homem” e “transmissão homossexual”. Além disso, solicitar diretamente às travestis que estimem o número de colegas ou conhecidas mortas por Aids é um procedimento totalmente ineficaz (Kulick, 2008, p. 44).

A partir das considerações do autor, constata-se como os preconceitos dificultam de forma extrema a vida das travestis, ao ponto de elas não serem consideradas dignas nem de participar de

pesquisas sobre números de casos de AIDS, nem de solicitar tratamento ao contraírem a doença. As travestis eram postas no campo da invisibilidade e apagamento.

Naquela mesma noite, Jaqueline foi escalada para um local perigoso e indesejado por muitas de suas colegas: a “Marginal”, perto do Corinthians. As outras travestis a avisaram que esse ponto estava parado e quase não rendia nada. Porém, era obrigatório cumprir a escala.

Chegando ao local, não demorou muito para que Jaqueline ouvisse alguém falar “Corra”, esse que era um alerta de que os policiais estavam se aproximando. A travesti correu e pulou o muro de um cemitério na tentativa de se esconder, mas, infelizmente, foi capturada pelos guardas e levada à delegacia. Ainda durante o interrogatório, Jaqueline passou por diversos perrengues:

Meu nome é Jaqueline.  
Jaqueline, com essa voz grossa como trovão?  
É que estou rouca, tomei muita chuva.  
Ah, é? Disse ele batendo com a caneta na madeira.  
[...]  
Abra as pernas! (Carraro, 1987, p. 18).

A protagonista é violentada ao ter sua intimidade invadida pelas autoridades, um tipo de agressão que não era incomum para as demais travestis. Não obstante, a violação da identidade e do corpo de Jaqueline não para nesse episódio. Logo após ser detida, ela é jogada em uma cela com outro preso que a abusa sexualmente e a estupra. Como meio de se livrar das garras do agressor, Jaqueline afirma ser portadora da AIDS:

Escute aqui cara! Se você quiser, tudo bem, mas só que tem uma coisa: eu sou portadora da Acquired Immunity Deficiency Syndrome.  
[...] Que é tudo isso? Fale como a gente.  
“Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”  
[...] Carcereiro! Carcereiro! Vocês estão loucos. Esse filho da puta desse veado está com aquela doença que derrete a gente (Carraro, 1987, p. 20).

As delegacias eram os locais em que a violência se intensificava mais. Quando presas por “vadiagem”, as travestis não apenas enfrentavam abusos sexuais por parte de outros detentos, mas também sofriam espancamentos, muitas vezes incentivados ou diretamente cometidos pela própria polícia. Kulick (2008) aborda essas violências:

À noite, de todo modo, os perigos são maiores. Precisando atrair os clientes, travestis fazem ponto nas esquinas de ruas e avenidas e acabam se expondo publicamente de uma forma que, não fosse a situação, elas teriam preferido evitar. A exposição coloca as travestis em posição vulnerável, alvo fatal do assédio de policiais, motoristas, transeuntes, gente que passa em automóveis e ônibus. Na maioria das vezes, a violência vem na forma de agressão verbal, mas não são raros os casos em que gangues de jovens espancam travestis. Também é comum ver pessoas que passam de carro lançando pedras e garrafas sobre elas. Algumas vezes chegam a disparar armas de fogo contra travestis em plena rua (Kulick, 2008, p. 47).

Desse modo, percebe-se a situação de vulnerabilidade a qual os corpos travestis estão expostos, sendo as violências frequentemente justificadas pela associação com a AIDS. As travestis, vistas como portadoras do vírus, eram estigmatizadas como impuras, o que ampliava ainda mais os abusos sofridos, como chacinas, apedrejamentos e outras formas de violência.

Outro espaço que exhibe ainda mais a identidade das travestis são as casas de apoio. Assim como mostrado na série “Pose”, em que Blanca acolhe filhos em sua casa, também ocorre no

contexto de **O Travesti** (1987), de Adelaide Carraro. A diferença aqui está no público, uma vez que, no romance, as meninas que moravam na casa faziam programa. Jaqueline, por sua vez, morou em mais de uma casa; após o aumento das matanças de travestis, ela decidiu se mudar para uma “cidade do interior”. Lá, foi acolhida por Dona Tânia, uma travesti mulata, sorridente e alta, que coordenava uma casa. Após alguns ajustes, Dona Tânia aceitou Jaqueline e a levou diretamente para o trabalho:

Seja bem vinda. Olhe você tem sorte. Só tenho uma vaga. Nós somos vinte e vivemos como podemos nesta casa de três quartos e dez beliches. Agora vá descansar e as onze horas, pé na estrada. Nosso ponto é perto do posto de gasolina. Antigamente era no próprio posto, mas agora com essa maldita AIDS a polícia está dando em cima (Carraro, 1987, p. 73).

O trecho “vivemos como podemos” (Carraro, 1987, p. 73) resume muito sobre as vivências das travestis nesse período enquanto prostitutas. Como não tinham recursos suficientes para uma produção de alto nível, as garotas apelavam para a maquiagem e ajudavam umas às outras, criando um espaço de cumplicidade e apoio mútuo. Louro (2016) debate as questões do corpo transgênero entendendo a sua condição de “entre-lugar”, pois convém considerar que

[o] desejo travesti é o de tornar-se outro, mas o que agrada assinala em seu discurso é mais o processo de tornar-se do que o produto final da mudança. Ao apontar para o silicone (e não para o seio simplesmente), ela aponta para o processo, para o movimento inscrito nesse corpo (Maluf, 2002, *apud* Louro, 2016, p. 227).

Ou seja, a questão em pauta é como a travesti se posiciona no “tornar-se”; sua possibilidade de existência não se materializa nas configurações binárias do sexo impostas pela cis-heterossexualidade. Há o surgimento, assim, de um novo corpo voltado para a autoaceitação.

Butler (2016) discute a concepção de gênero, afirmando que ela surge de uma tentativa limitada. Segundo ela, “[...] a unidade do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (Butler, 2016, p. 67). Dessa forma, a representação dos corpos é imposta por um regime de limites estabelecidos por uma cultura baseada na norma, na heteronormatividade.

Ainda no contexto da comunhão criada pelas travestis que dividiam a mesma residência, é notável como elas lidavam também com a AIDS em meio àquele ambiente carente de condições básicas. Carraro (1987) relata que, entre as travestis, havia uma busca e compartilhamento de conhecimentos, pois não tinham onde procurar ajuda relacionada à síndrome e sua complexidade. Para isso, algumas travestis se tornaram especialistas amadoras em AIDS, a fim de orientar as demais, já que o número de casos crescia com frequência.

## Conclusão

Refletir sobre os espaços ocupados pelas travestis é também verificar como os sujeitos transgêneros continuam a ser marginalizados e excluídos socialmente. Sobre as identidades das travestis, no tocante a sua autodefinição, uma atitude de Jaqueline chama a atenção. Depois de um tempo, tanto Jaqueline quanto suas colegas de trabalho estavam cansadas de correr da morte, correr da AIDS, de se esconder atrás dos postes para não serem mortas com tiros. Com isso, Jaqueline passa por uma de gênero, regredindo para a sua identidade primária, a de homem gay, como tentativa de passar despercebida pela sociedade e, assim, conseguir outro emprego que não fosse o de prostituta. Porém, a tentativa fracassou e Jaqueline retornou às ruas e à prostituição.

A AIDS tornou-se um peso na vida das travestis, seja nas delegacias, seja nos pontos de trabalho enquanto prostitutas, seja nas casas de apoio. Não bastasse ter que enfrentar os preconceitos de gênero em uma sociedade heteronormativa, as travestis ainda tinham que lidar

com o fardo de serem consideradas meio de transporte para um vírus que atingia não somente esse público, mas também toda a humanidade.

Por força, o corpo abjeto das travestis não podia circular livremente, pois podiam ser agredidas ou mortas, uma vez que eram declaradas pela sociedade como vetores de uma peste para a qual não havia tratamento, tampouco cura, e que levaria a óbito aquele que a contraísse. Assim, a rua, as casas de prostituição, praças e banheiros públicos eram locais a serem vigiados constantemente, a fim de que não servissem como lugar para a prática da vadiagem.

O romance de Adelaide Carraro, nesse sentido, ajuda o leitor literário a rememorar, mesmo que por intermédio da ficção, a conjuntura em que estavam imersas as travestis no ápice da chamada “peste gay” e a exploração de seus corpos nas zonas de prostituição. Conclui-se que os espaços não reconfiguram por completo as identidades das travestis; no entanto, possuem ligação direta com elas, a fim de serem usados para explicar as visíveis marginalizações desses corpos e sujeitos queer, tanto na obra literária quanto na sociedade.

## Referências

ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio. A sociologia da literatura: origens e questionamentos. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 15-20, ago. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/4517>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BARBERENA, R. A.; FERRÃO, A. C. S. A força-silêncio do estereótipo: as vozes de Um palimpsesto de putas, de Elvira Vigna. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, [S. l.], n. 33, p. 61–73, 2021. DOI: 10.24261/2183-816x0533. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/685>. Acesso em: 29 set. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, L. A. Breve história do espaço na teoria da literatura. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 14, n. 19, p. 115–133, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1140>. Acesso em: 29 set. 2023.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas**: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARRARO, Adelaide. **O Travesti**. São Paulo: Loren Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 1987.

JAYO, Martin; MENESES, Emerson Silva. Presença travesti e mediação sociocultural nos palcos brasileiros: uma periodização histórica. **Revista Extraprensa**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 2, p. 158–174, 2018. DOI: 10.11606/extraprensa2018.144077. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/144077>. Acesso em: 7 jul. 2023.

KULICK, Don. **Travesti**: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NANTES, Flavio Adriano. Diálogos TRANSversais: A Travesti quer um beijo. Entrevista com Letícia Carolina Nascimento. **Revista rascunhos culturais**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. v 1, n. 1. p. 11-38, (2010). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/rascunhosculturais/article/view/17818>. Acesso em: 20 jul. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. “Transexistências negras: O lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX”. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: EDFURG, 2018.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. **Representações das identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira: leituras da escrita de si**. 2019. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará. 2019. 307f. Belém: PPGL/UFPA, 2019. Disponível em: <[http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/14056/1/Tese\\_RepresentacaIdentidadesHomoafetivas.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/14056/1/Tese_RepresentacaIdentidadesHomoafetivas.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 19, p. 44-66, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/6938/12001>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo – RS: Editora Feevale, 2013.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Katálysis**, v. 12, p. 68-76, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/sG4V4bWD8yHJVwGQnBJrkTn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Lúvia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em 19 de janeiro de 2024  
Aceito em 12 de abril de 2024